

Remessa dispara e País cai em déficit corrente

FERNANDO NAKAGAWA
BRASÍLIA

O aumento das remessas ao exterior gerou em janeiro o primeiro déficit em conta corrente do setor externo desde novembro de 2004. Para alguns analistas ouvidos por este jornal, o aumento das remessas de multinacionais às matrizes e o déficit nas contas externas podem indicar que o ciclo de queda do dólar esteja chegando ao fim.

Em janeiro o Brasil teve déficit em conta corrente de US\$ 452 milhões, ante um resultado positivo de US\$ 802 milhões no primeiro mês de 2005. O cálculo leva em conta o resultado da balança comercial, a conta de serviços e as transferências de dinheiro entre países. Essa reversão foi diretamente influenciada pelo forte aumento do volume de remessas ao exterior.

Em janeiro, o envio de remessas líquidas de renda somou US\$ 3,2 bilhões, valor 133% maior do que o registrado

Continua na página A-4

Remessa dispara e País cai em déficit...

Para professor da FGV, empresas mostram acreditar que dólar não deve cair muito mais

FERNANDO NAGAKAWA
BRASILIA

Continuação da página A-1

em igual período do ano anterior. Apenas o envio de lucros e dividendos atingiu US\$ 1,540 bilhão frente aos US\$ 372 milhões registrados em janeiro de 2005. A variação representa um salto de 314%. “A apreciação cambial contribuiu para que o estoque em dólar crescesse”, disse o chefe do Departamento Econômico do Banco Central (BC), Altamir Lopes, ao comentar o efeito da valorização cambial sobre o caixa das empresas que passam a ter mais dólares pela mesma quantidade de reais. Além disso, ele citou que a rentabilidade das empresas cresceu nos últimos meses, o que eleva o volume de recursos disponíveis.

Na avaliação do professor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Antônio Carlos Manfredini, o resultado das contas externas pode indicar o fim dos dias de valorização do real. “Esse resultado pode mostrar que estamos muito próximos ao limite inferior do câmbio”, disse. Segundo ele, as empresas que aceleraram o envio de recursos “mostram que acreditam que o dólar não deve ficar muito mais barato do que já está”.

“Para essas multinacionais, é boa hora de fazer a troca de moedas e remeter. Com isso, parece que estamos no piso do dólar.”

O economista da consultoria GRC Visão, Thiago Davino,

concorda com a análise do professor da FGV. Segundo ele, “o resultado das contas externas reforça a tendência de valorização do dólar”. Para a consultoria, o dólar deve terminar o ano cotado a R\$ 2,50. A redução do superávit comercial e a redução do juro real no Brasil devem favorecer esse cenário.

O economista observa, contudo, que a alta do dólar não acontece de um pregão para o outro. “Esse movimento é gradual. Podemos ter altas e baixas no curto prazo, mas a tendência de médio e longo prazo é de valorização do dólar”, completou.

A aposta de alta do dólar feita por Manfredini e Davino é reforçada pela forte redução da posição vendida dos bancos no mercado cambial.

No jargão financeiro, estar “vendido” significa ter compromisso para a entrega de dólar no futuro com preço pré-estabelecido. A grosso modo, quem está vendido acredita na queda das cotações da moeda. Assim, ao reduzir essa posição, os bancos indicam que acreditam menos na valorização do real.

De acordo com o BC, bancos mantinham posição vendida de US\$ 1,5 bilhão até 17 deste mês. O valor é 67,8% inferior à mesma posição de US\$ 4,7 bilhões registrada no fechamento de janeiro. Para reforçar a aposta de que a trajetória é de alta, Lopes informou que a autoridade monetária acredita que o ano termine com posição comprada dos bancos de US\$ 3,7 bilhões. Estar “comprado”, portanto, significa acreditar na alta do dólar.

Mas não são apenas empresas que estão aproveitando o dólar baixo. Números do BC confirmam fenômeno que é visto há alguns meses nos aeroportos, casas de câmbio e vôos internacionais. Com a queda do dólar, está mais barato viajar para o exterior. Em janeiro, brasileiros gastaram US\$ 397 milhões no exterior. O valor é 34% maior que o registrado em janeiro de 2005, quando os nossos turistas deixaram US\$ 296 milhões fora do País. Em fevereiro, até ontem, as despesas somavam US\$ 297 milhões.

Apesar de observar que janeiro teve o primeiro déficit nas contas externas desde novembro

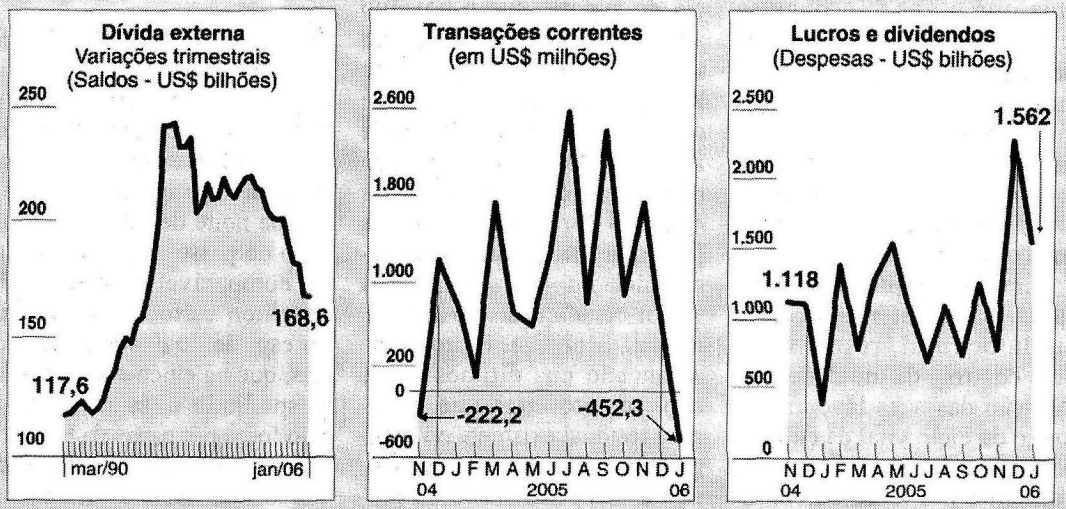
de 2004, o chefe do departamento econômico do BC afirmou que o resultado não aponta para uma mudança de perspectiva das contas externas que mantiveram números superavitários por mais de um ano. “As contas continuam mostrando a mesma tendência. Não é porque você teve um resultado negativo que se muda a tendência”, disse.

DÍVIDA EXTERNA E RESERVAS

A nota do BC também trouxe novos números da dívida externa. Em janeiro, o Brasil contabilizava compromissos totais de US\$ 168,6 bilhões. O número revela uma ligeira redução ante os US\$ 168,9 bilhões de dezembro de 2005. De acordo com Lopes, esse é o menor nível da dívida externa em dez anos, desde dezembro de 1995, quando o montante somava US\$ 153,1 bilhões.

Quanto às reservas internacionais, o Brasil terminou janeiro com US\$ 53,8 bilhões em caixa. Números prévios do BC revelam que esse valor já aumentou para US\$ 57,3 bilhões até 20 de fevereiro.

ALTOS E BAIXOS DO SETOR EXTERNO



Fontes: BC e Centro de Informações da Gazeta Mercantil